

A verdade restituída

COM BASE EM NÚMEROS OFICIAIS, LIVRO REBATE AS MENTIRAS SOBRE A ATUAÇÃO DO PT NA ECONOMIA

por CARLOS DRUMMOND

No mundo paralelo das *fake news* bolsonaristas, nenhuma vertente parece contar com tanto respaldo acadêmico e da mídia quanto a economia. Isso vale para a maior das inverdades sobre esse assunto, disseminada desde antes da campanha eleitoral, a de que o Partido dos Trabalhadores quebrou o Brasil. Esse é o tema do livro *Crescer e Distribuir É Possível. Confrontando as Críticas à Política Econômica dos Governos Petistas*, lançado no mês passado pela Fundação Perseu Abramo. Escrito pelos economistas Eduardo Fagnani e Guilherme Mello, professores da Unicamp, e Gerson Gomes, do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21, a publicação, disponível gratuitamente no site da FPA, busca mostrar em 125 páginas, com uso de números oficiais, que as principais críticas em relação à condução da economia sob o comando petista não correspondem aos fatos.

O livro justifica-se, segundo os autores, porque a narrativa mentirosa sobre o su-

posto desencaminhamento da economia pelo PT cumpriu papel importante no processo de criminalização da esquerda e do partido, bem como no processo que resultou no golpe contra Dilma Rousseff e no afastamento de Lula das eleições de 2018. As *fake news* econômicas foram um instrumento eficaz para a criação do sentimento antipetista e na restauração do neoliberalismo no Brasil, salientam os economistas.

“O legado econômico dos governos do PT é altamente positivo. Houve mais acertos, e acertos mais relevantes, do que erros, inevitáveis em 13 anos de governo. Eventuais desacertos de dosagem e no de-

senho das políticas públicas não ofuscam os avanços”, sublinha Fagnani. Os limites da política econômica do PT, acrescenta, “não são aqueles apontados pela narrativa que justificou o golpe parlamentar”.

Para o economista, não se compreende a conjuntura difícil de 2015 sem retroceder a 2013, quando teve início uma “tempestade de conspirações” que resultaram no golpe parlamentar em um cenário econômico externo desfavorável. A complexidade desse processo, sublinha Fagnani, passou ao largo da compreensão dos críticos. Para eles, convinha apelar para o debate puramente ideológico, por meio de críticas ao nacional-desenvolvimentismo, ao estatismo, ao intervencionismo e ao populismo.

Um texto publicado em junho pelo economista Samuel Pessôa é exemplar das críticas recorrentes à ação dos governos do PT na economia. “As ideias econômicas erradas do PT”, escreveu Pessôa na *Folha de S. Paulo*, “levadas à frente no ambiente externo desafiador que se afigura para os próximos anos, poderão levar a economia brasileira para um desastre completo, ao estilo da Argentina ou da Venezuela.”

**AS FAKE NEWS
ECONÔMICAS
SERVIRAM PARA A
RESTAURAÇÃO DO
NEOLIBERALISMO
NO BRASIL**



Os valores aplicados no programa Minha Casa, Minha Vida pertencem a outra categoria, mas produzem efeitos semelhantes ao investimento público. A Operação Lava Jato provocou imensos prejuízos à Petrobras, um dos principais esteios da formação bruta de capital na economia brasileira



SECRETARIA DA HABITAÇÃO/GOVSP E AGÊNCIA PETROBRAS



ESPECIAL ELEIÇÕES

“Trata-se de análise simplória e ideológica que não se apoia em fatos, amplamente revelados pelo livro”, contesta Fagnani. “Em que momento o Brasil correu o risco de se transformar em uma Venezuela? Quando tinha 16 bilhões de dólares em reservas internacionais, como ocorreu em 2002, ou quando passou a ter 356 bilhões, em 2015?”, indaga o professor da Unicamp. “Será que esse risco surgiu em 2002, quando a dívida líquida representava 60,4% do PIB? Ou em 2015, quando perfazia 37,8% do PIB? Ou ainda em 2020, quando alcançou 67% do PIB?”

Entre 1995 e 2002, ressalta o professor, a dívida externa bruta brasileira dobrou, passando de 20,7% para 41,8% do PIB. Em 2002, o Brasil era devedor do FMI, as reservas cambiais eram reduzidas, a dívida externa bruta era elevada e o País tinha dificuldade de honrar seus compromissos em moeda estrangeira. O livro mostra também que a *fake news* liberal de que uma suposta “gastança” seria responsável pela diminuição do resultado primário não se sustenta. A média anual de superávit primário no período de 2003 a 2013, de 3,1% do PIB, foi quase o dobro da média anual verificada no período FHC, de 1,7% do PIB.

A narrativa oportunista quer fazer crer que o crescimento da economia nos governos do PT se deve apenas ao fator sorte, isto é, ao fato de ter coincidido com um ciclo de alta dos preços das *commodities*, mas, como procuram mostrar os autores da obra, isso não encontra apoio nos fatos. Essa versão omite o fato de que esse ciclo começou antes dos governos do PT. E, mesmo assim, por três vezes, o Brasil teve de recorrer ao FMI e ao aumento da carga tributária, de 27,2% para 32% do PIB.

Ao contrário do que diz outra *fake news*, o crescimento econômico dos governos petistas não foi sustentado apenas pelo consumo, mas resultou, sobretudo, do aumento do investimento, sobretudo com o Programa de Aceleração do Crescimento, e das

A SUPOSTA “CRISE TERMINAL” DA ECONOMIA PROVOCADA PELO “POPULISMO PETISTA” NÃO PASSA DE UM DELÍRIO, AFIRMAM OS AUTORES

políticas para gerar empregos e distribuir renda, que ampliaram o mercado interno.

A taxa de investimento saltou de um patamar médio em torno de 17,5% do PIB, nos governos de FHC, para 19,3% do PIB, no segundo governo Lula, e 20,5% do PIB, no primeiro governo Dilma. Nos governos Temer e Bolsonaro, a taxa de investimento despencou, registrando os menores valores relativos da série analisada.

O investimento federal também cresceu nos governos petistas. A média anual do investimento público total, a incluir empresas estatais e o governo federal, que declinara de 1,9% para 1,3% do PIB entre o primeiro e o segundo mandatos de FHC, estabilizou-se nesse patamar, entre 2003 e 2006, e depois subiu para 2,1% do PIB, no segundo governo Lula, e para 2,3% do PIB, no primeiro governo Dilma. Considerados também os gastos no programa Minha Casa Minha Vida, oficialmente não contabilizados, mas com efeito econômico semelhante, o nível elevado de investimentos públicos federais de 2010 manteve-se até 2014.

Nos governos Temer e Bolsonaro, o investimento federal despencou para a média anual de 1,3%. Atualmente, ele é insuficiente para repor o estoque de capital, ou seja, é incapaz de impedir a deterioração da infraestrutura já existente. “A notável queda dos investimentos públicos, a partir de 2016, é reflexo, principalmente, da convergência da política



antinacional de desintegração da Petrobras e desnacionalização da cadeia produtiva de petróleo e gás, visando transformar a Petrobras em uma empresa exportadora de petróleo cru e importadora de derivados do petróleo”, avaliam os autores do livro. Em nome de um suposto combate à corrupção, a Lava Jato provocou imensos prejuízos à petrolífera, um dos principais esteios da formação bruta de capital na economia brasileira.

Ao contrário do que ocorre no governo



Em 2014, o País deixou o Mapa da Fome. Hoje, 33 milhões disputam ossos. Viajar de avião voltou a ser privilégio de poucos



Bolsonaro, que só conseguiu baixar a inflação com manipulações eleitoreiras de tributos e de preços de insumos, durante os governos petistas a taxa de inflação não esteve “fora do controle”, como sugerem mentiras sistemáticas. Ao contrário, ela esteve sob estrito controle e preservou a tendência de queda durante os governos Lula, apresentando ligeira alta no primeiro governo Dilma, mas ainda dentro das metas estabelecidas.

O salário mínimo, praticamente es-

tagnado durante os governos FHC, valorizou-se mais de 74% acima da inflação no ciclo petista, beneficiando 28% dos trabalhadores e cerca de 65% dos aposentados pelo INSS. Cabe acrescentar que, no governo Bolsonaro, o salário mínimo não teve aumento real e, como se não bastasse, o ministro da Economia, Paulo Guedes, planeja extinguir em definitivo a sua correção pela inflação.

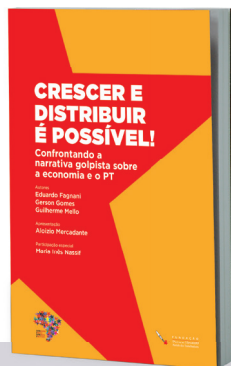
A conclusão dos autores do livro é de que “a suposta ‘crise terminal’ da economia provocada pelo ‘populismo’ petista não passa de um delírio, sem qualquer confirmação em indicadores econômicos e sociais”. O que se observa neste momento, dizem, é uma dupla crise econômica e sanitária provocada pela interrupção abrupta e ilegítima do governo Dilma, a restauração neoliberal de Temer e o governo negociacionista de Bolsonaro.

Segundo o livro, as principais limitações do ciclo petista foram a não realização de uma reforma tributária para corrigir o caráter regressivo do sistema tributário brasileiro e a gestão da economia por meio do tripé macroeconômico (câmbio flutuante, superávit fiscal e regime

de metas de inflação), “por diversos anos em sua versão mais rígida”. Seria possível acrescentar a essas limitações, com base em vários estudos sobre o assunto, a ausência de um enfrentamento abrangente da necessidade de retomada do desenvolvimento industrial, missão que requer fazer uma conciliação, e perfeita integração, entre políticas macroeconômica, comercial e de desenvolvimento competitivo. Essa política macroeconômica precisa ser articulada a uma política industrial e a uma política comercial ativas. É isso que a maior parte dos países com atividade industrial significativa faz.

O livro da Perseu Abramo tende a desempenhar um papel importante na retomada do debate sobre as realizações dos governos do PT. “Dizer que houve irresponsabilidade fiscal no governo Lula é, sim, uma irresponsabilidade intelectual. O Brasil teve superávit primário em todos aqueles anos, e superávit elevado”, ressaltou o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, colunista e consultor editorial de *CartaCapital*, em programa recente sobre a economia e as eleições, apresentado na TV PUC-SP, na segunda-feira 24, pela professora Rosa Maria Marques.

“Aí os economistas chinfrins”, prosseguiu Belluzzo, “começaram a dizer que era um desastre aquilo. Como, um desastre? Eles afirmavam que era uma impossibilidade lógica, pois o gasto público tinha subido acima do crescimento da economia. O que era uma besteira, pois o crescimento da economia era determinado pelo investimento público que gerou renda e impostos suficientes para gerar o superávit primário. Como alguém que se formou em economia diz uma barbaridade dessas?” Presente no mesmo programa, o economista Luiz Carlos Bresser-Pereira, da FGV, concorda: “Em 42 anos, desde 1980, foi apenas nos oito anos do governo Lula que a economia brasileira apresentou taxa de crescimento satisfatória”. •



**CRESCER E DISTRIBUIR
É POSSÍVEL!**

**Eduardo Fagnani, Gerson Gomes e
Guilherme Mello.** Fundação Perseu
Abramo (128 págs., gratuito)